

ÍNDICE

— Explicação necessária	7
REPENSAR (EM 1976) O NEO-REALISMO	
I — O «Humanismo» da Geração de 70 julgado pelo «Novo Humanismo» neo-realista. O Neo-Realismo como expressão literária do «Novo humanismo»	9
II — Da compatibilidade (ou não) do Neo-Realismo com a Arte	17
III — O que é o Neo-Realismo: notas para as novas gerações de não iniciados . .	27
REALISMO SEM FRONTEIRAS... OU COM FRONTEIRAS?	
— Os inimigos do Realismo ao ataque	43
— O Realismo como categoria	44
— O criado de Duque imita o Duque	45
— Os limites do Realismo	47
— Então só há obras realistas?	48
A NOSSA FICÇÃO E O NEO-REALISMO POSSÍVEL	
— A mania portuguesa de fazer estilo	52
— Falta aqui uma grande Razão	53
— O compromisso: a verdade como critério da forma	55
— Encenação póstuma do passado?	56
— Resposta a uma pergunta de Augusto Abelaira	57
— Inventar para abrir ou fechar o campo de observação?	58
O NEO-REALISMO OU ALGUMAS DAS NECESSIDADES NÃO-PRIMÁRIAS QUE EQUACIONA	
— A simbologia do mundo que anda a cavalo	61
— A teoria das privações	63
— A miséria do Raimundo ou a miséria do mundo?	63
— O mundo visto de cima da alimária	64
— O universo das privações (ou das alienações: como se queira)	65
— O símbolo da privação	66
— As actividades lúdicas da burguesia como <i>ersatz</i> do risco	66
— O mundo que anda a cavalo é o dos fósseis.	67
— O verdadeiro ou o falso dilema entre a <i>informação</i> e a <i>criação</i> no romance moderno	68
— Da necessidade do impacto da informação	69
— De uma visão que podia ser paroquial (mas não era) para uma visão mítica	70
— Um mundo adicional, soberano e autónomo	71

CARLOS MALHEIRO DIAS: UMA OBRA EXEMPLAR DA CATEQUESE NATURALISTA

— Algumas notas biográficas para relembrar um escritor esquecido	72
— Contexto político de <i>A Mulata</i>	73
— Inscrição de <i>A Mulata</i> no panorama do Naturalismo brasileiro	75
— Da artificialidade da «situação experimental»	76
— A catequese naturalista	80
— A abertura ideológica para o nacionalismo fascista	83
— Uma nação julgada pela fauna intelectual dos cafés	85
— Vale a pena ler os livros documentais do Naturalismo?	87

A «CIDADE E AS SERRAS» E AS FALSAS SOLUÇÕES SOCIAIS DO SOCIALISMO UTÓPICO PROUDHONISTA E DO SOCIALISMO BURGUEZ DE HOJE

— Caracterização do código edénico	91
— O conflito entre o <i>objecto natural</i> e o <i>objecto cultural</i>	93
— A crítica errada de Zé Fernandes à Cidade	96
— A falsa consciência social apenas humanitária(?) do burguez perante o mundo...	99
— Jacinto e as suas «grandes» soluções sociais	101
— Eça: crítico das soluções proudhonistas?	105
— Das falsas soluções sociais do Jacinto de ontem às do socialismo burguez de hoje	107

«RETALHOS DA VIDA DE UM MÉDICO»: DENÚNCIA DA PERPETUAÇÃO FASCISTA DO OBSCURANTISMO

O médico como personagem de romance	110
Aviso a António José Saraiva: o povo do Neo-Realismo não é de Júlio Dinis	112
O código dramático do Neo-Realismo contra o código edénico de Trindade Coelho-Júlio Dinis	113
O Fascismo perpetuador do obscurantismo do camponês	115

O CONFLITO ENTRE O INSTINTO E A SOCIEDADE

— O <i>eu</i> e o <i>tu</i>	118
— A <i>noite</i> e o <i>dia</i> . O símbolo da madrugada	121
— O repúdio da «solidão-a-dois»	124
— Outra vez o problema da «mudança»	126

UM EXEMPLO DE QUESTIONAR METAFÍSICO DO NEO-REALISMO

— Um livro com base em interrogações	128
— Augusto Abelaira e Jankélévitch	129

DO «ESTABLISHMENT» (BURGUEZ OU NÃO) E DE COMO DESTRUÍ-LO

— O que é o <i>Establishment</i> ? Resposta do Duque de Windsor (que é quem sabe)	132
— No jogo crianças-adultos vitória sempre dos cueiros por 11-0	133
— O desabar simbólico(?) dos colégios	134
— Onde se fala dos cucos nascidos em ninhos de pintarroxo	136
— O que é preciso é <i>sair</i> e não <i>entrar</i> na prosa existente	137

A BARBÁRIE DO CAPITALISMO

- Morreu o último leão do mundo	138
- As civilizações: barbáries perfeitamente ordenadas	139
- O festival do cogumelo atómico	140
- A idolatria da barbárie	142

UM ESCRITOR NEO-REALISTA À PROCURA DO POVO QUE EMIGROU

Arcádias, Pastores & Ca. Lda.	144
Um falso pastor (Rebordão Navarro) chega a uma falsa Arcádia (Viamonte)	145
O falso pastor, frustrado agora, recusa-se a contar o já contado	146
Que as almas se tranquilizem: já não há Povo	147
Onde se prova que já não se pode fugir de Esparta	148

PROBLEMAS DA «INTELLIGENTZIA» PEQUENO-BURGUESA REPRIMIDA E FALSAMENTE RADICAL

O problema de se escrever o que se quer (ou o que se pode)	150
Ser ou não ser um «tratado de açorda»: eis o problema	151
A fenomenologia do «ego» do anarquista	153

LUÍS PACHECO E O VERDADEIRO (OU FALSO)? LIBERTINO AO ATAQUE CONTRA O ESTABLISHMENT BURGUÊS E SEUS VALORES

— Luís Pacheco ou o Burlador de Braga, <i>Magister Artium Eroticarum</i>	155
— A exemplaridade negativa	157
— A defesa da exemplaridade positiva pelo castigo	157
— A miséria reabilitada?	159
— Contradições internas do surrealismo	160
— Alguns motivos por que surrealistas e marxistas não se gramam	161
— O estar dentro ou fora do <i>Hôtel des Surréalistes</i>	162
— O libertino salva a Família enquanto os surrealistas não lha papam	163
— Uma parábola para porcos	164

O CAMONÊS INDIVIDUALISTA, ANTI-SOCIAL E PÍCARO DE AQUILINO RIBEIRO 167

O REALISMO FANTÁSTICO DE BRANQUINHO DA FONSECA 171

A MULHER E A SUA DESIGUALDADE. A CARTILHA LITERÁRIA DA SUBMISSÃO DA MULHER

A <i>Carta de Guia de Casados</i> de D. Francisco Manuel de Melo como <i>thesaurus exemplorum</i>	174
Uma linguagem concreta ao serviço de uma falsa teorização	175
Como um falso postulado biológico legitima falsos princípios psicológicos e sociais	177
O <i>apartheid</i> cultural contra a mulher	178

A MULHER CONDENADA PELA MORAL BURGUESA A SER «ADMIRÁVEL»

— A Sociedade-Para-Cortar-Os-Homens-Às-Fatias (em nome da «mulher nova»)	180
— Um clube para defender a «desigualdade» da mulher (em nome da «mulher velha»)	181
— A Mulher entre as duas mulheres (a «velha» e a «nova»)	181
— Onde uma atitude fútil pode reflectir um problema sério	183
— A condenação da mulher (sempre «velha») do «presente» português: ser admirável	185

DO QUEFAZER MONÓTONO DO BURGUESÍSSIMO «ANJO DO LAR»

— Monólogo em Pontypool	186
— Vinte e quatro horas da vida duma mulher	186
— O perigo das paráfrases	188
— O direito de «possuir», escrito num papel	189
— Marta de Lima não perdoa	180

O MUNDO DAS «METRÓPOLES» E DAS «COLÓNIAS» LITERÁRIAS (RETRATO TALVEZ CARICATURAL)

191

LITERATURA AFRICANA DE EXPRESSÃO PORTUGUESA: NEGRITUDE COMO ANTICAPITALISMO

O Negro como «máquina» do Capitalismo	199
A «máquina» e o seu drama	201
Quando o Branco decide que o Negro também é humano	202
A Negritude para além do Negro	204

A POESIA DE AGOSTINHO NETO: ENTRE O «ESPAÇO» E O «SER»

— O «espaço sagrado» e o «espaço disputado»	206
— A perda de identidade em relação ao espaço sagrado	208
— Pode o Negro ser livre num mundo em que o próprio Branco não o é?	210
— A reconquista do Espaço e do Ser	212

LUANDINO VIEIRA: DEZ ANOS DEPOIS (1964-1974)

— Um pouco de História	214
— O Negro: o seu Passado, a sua Cultura, a sua História	215
— A humanidade do Negro e a desumanidade da colonização	217
— A emergência do <i>homo-africanus</i>	219